

**AFETO NA FILOSOFIA DE ESPINOSA:
APORTES PARA POTENCIALIZAÇÃO DOS CORPOS NA ESCOLA**

Marcela Fernandes Silva*

Cláudia Gomes**

Resumo: Neste trabalho de cunho teórico, buscamos analisar a dinâmica dos afetos na perspectiva filosófica de Baruch Espinosa. Ao projetar esse objetivo, procuramos trazer elementos que favoreçam análises da compreensão escolar como espaço de potencialização. Defendemos como considerações finais do estudo que essa perspectiva e entendimento são nucleares para o debate e compreensão da dinâmica dos afetos no processo de humanização.

Palavras-chave: Afeto. Desejo. Desenvolvimento Humano. Educação. Encontro.

Resumen: En este trabajo, analizamos la dinámica de las emociones en la perspectiva filosófica de Baruch Spinoza. Buscamos aportar elementos de análisis de la comprensión de la escuela como espacio de potenciación. Nos encontramos en las consideraciones finales del estudio con que esta perspectiva y comprensión son fundamentales para el debate y la comprensión de la dinámica de las emociones en el proceso de humanización.

Palabras clave: Afecto. Deseo. Desarrollo humano. Educación. Reuniones.

Introdução: Espinosa e a dinâmica dos afetos

Baruch de Espinosa (Bento, em português; Benedictus, em latim), nasceu no dia 24 de novembro de 1632 em Amsterdã-Holanda. Descendente de espanhóis e portugueses, sua família buscou refúgio na Holanda, devido principalmente às graves perseguições que ocorriam nessa época aos judeus, um *lôcus* que teria uma suposta tolerância religiosa, tal qual um possível

polo de um emergente poderio econômico, que começa a suplantar o já conhecido poder de Portugal e Espanha. Espinosa foi educado como os demais jovens marranos da comunidade judaica na qual estava inserido. Por meio de seu pai, aprendeu o ofício mercantil, sem excluir das atividades o estudo do hebraico, da Bíblia e da história do povo judeu.

Espinosa dedicava uma devida atenção aos textos oficiais de sua religião e, posteriormente, passou a contestar minuciosamente suas premissas. Dentre essas contestações, criticou a perspectiva de um Deus pessoal que governa tudo através de outra dimensão, não concebia a imortali-

* Graduada em Pedagogia- Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL -(Bolsista-CNPQ). Pós-Graduada em psicopedagogia - UNESA. E-mail: marcela.f.s.pedagogia@gmail.com

** Doutora em Educação-Docente/Pesquisadora do programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. Universidade Federal de Alfenas- (UNIFAL). E-mail: cg.unifal@gmail.com

dade, era fatídico quanto a contestar a transcendência dos cannolis divinos. Negava as verdades contidas nas Escrituras, tal qual o Deus que por elas se revela. Decorrente disso, não concebia qualquer forma de explicação da existência por contingência, mais precisamente, negava os milagres e qualquer tipo de superstição. Criticou demasiadamente a crença do livre arbítrio. Repudiava a fé, pois compreendia a ordem e conexão da existência pelo sistema de causalidade.

Por essas contestações, Espinosa foi excomungado tanto da comunidade judaica quanto da comunidade cristã, que passaram a ter seus livros, textos ou qualquer tipo de produção como inapropriados, mais precisamente, proibidos para leituras, vindo a constar na lista do Index Católico e condenados pelo Santo Ofício.

Tais acontecimentos refletiram em sua vida financeira e social, pois, com a excomunhão, foi deserdado por sua família. Porém, Espinosa não se afeta tanto com a questão e decide pôr em prática um ofício que havia herdado de seu pai, sendo esse de tradição judaica: polidor de lentes. Fez desse ofício seu meio de subsistência, buscando conciliá-lo a sua mais nova forma de trabalho: a filosofia. Dos estudos judaicos, passou a se aprofundar no humanismo

clássico e alguns teóricos, como, por exemplo, Cícero, Sêneca, Virgílio, Ovídio, Catulo, Tácito, Epicuro e também se aventurou pelas obras de Descartes, Hobbes, Bacon e Galileu, que passaram a fundamentar sua teoria.

Inversamente do que muito se propagava sobre a vida de Espinosa, ele não passou uma vida enclausurada; pelo contrário, tinha muitos amigos com os quais sempre partilhava por cartas seus pensamentos, teorias e, com frequência, recebia visitas desses para algumas aulas particulares e também exposição de seu objeto de estudo. Espinosa, com seus 44 anos, sofreu de uma frágil saúde que se agravou pelo ofício executado por ele, passando a ser vítima de tuberculose, consequência da poeira extraída das lentes enquanto as polia, vindo ao óbito em 21 de fevereiro de 1677.

Com essa pequena narrativa da vida do filósofo, constata-se que a filosofia de Espinosa nasce e permanece com o intuito de denunciar, tal qual extirpar a superstição de sua própria vida e da sociedade por um todo, pois a considerava como uma forma de escravidão, por impedir que os indivíduos tenham acesso ao conhecimento de causa, conhecer as leis reais da Natureza e de sua própria Natureza, ficando assim

aprisionados ao afeto de medo e de esperança, o que lhes torna presas fáceis de dominação, logo, de submissão.

Espinosa foi um filósofo que lutou para extirpar as formas de conhecer a realidade advindas da superstição. Deixou para trás as concepções que reinaram em toda a Idade Média e buscou meios e formas para suplantá-las e denunciá-las como práticas de escravidão na sociedade, pois, por meio delas, o homem padece.

Essas concepções estavam relacionadas a uma concepção de Deus que vigia todos os passos da humanidade e que, portanto, está ávido a castigá-la por seus atos. O homem é um ser errante, imerso no pecado original, por isso dependente de Deus para conceder-lhe seu perdão. Outra questão levantada é a de acreditar que tudo foi feito e criado para satisfação humana e que a Terra é um presente divino ao homem, estando tudo à sua disposição. Outrossim é o tão discutido livre arbítrio, fazendo com que o homem acredite no seu poder de escolhas, as quais são produzidas e concebidas por sua própria vontade, fruto de uma ação produzida pela vontade humana a serviço da razão ensimesmada. “O Livre-arbítrio pressupõe o poder da razão para controlar os afetos. Para Espinosa, apenas uma ilusão. Que decorre da ignorância das

causas verdadeiras, eficientes, materiais que determinam certa ação” (BARROS FILHO, 2014, p. 122).

Essas questões que se retratam em a *Ética*, pois se busca instigar no homem o conhecer da realidade e a si próprio. Para isso, precisamos compreender o conceito no qual a *Ética* é fundada, e sem esse não será possível compreendê-la: a imanência. Assim, a imanência é o oposto/contrário de transcendência, de acordo com o dicionário de filosofia é “aquilo que é interior ao ser, ao ato, ao objeto de pensamento que consideramos”. Como, por exemplo, “Deus é imanente ao mundo, quer dizer, encontra-se em toda parte, confunde-se com o mundo”. Para Marilena Chauí (2006), Espinosa compreende Deus como toda a realidade imanente,

Com isso, Espinosa elimina a principal ideia sustentáculo da teologia e da filosofia cristãs: a ideia de criação, isto é, de um Deus preexistente que tira o mundo do nada. A expressão Deus ou Natureza, encontrada a todo passo da *Ética* tem vários significados: 1) o ato pelo qual Deus se produz é o ato pelo qual produz as coisas; 2) Deus é a causa de si mesmo e das coisas como causa *imane*nte, e não transcendente; 3) a produção divina não visa a fim algum, é o seu próprio fim, ou seja, entre o ato de produção e o produto não há distância a separá-los, são uma só e mesma coisa. Separar o produtor do produto é aceitar a incompreensibilidade divina, o mistério da criação e o mistério da Natureza. É ser vítima da superstição. É ter uma compreensão *alienada* da produ-

ção, pois ao separar o produtor do produto, este não permite mais identificar seu produtor e o homem passa a *imaginar* o produtor possível, acabando por chegar ao Deus voluntarioso, que tudo governa para e segundo seus caprichos (S/n).

Compreender a imanência na obra de Espinosa é muito importante, pois toda sua teoria se estrutura nessa concepção, na qual há uma única substância e toda a realidade/universo são produzidos por meio da expressão da potência de Deus. Para o filósofo, “Deus é causa imanente, e não transitiva, de todas as coisas” (ÉTICA I, PROP. 18, 2013, p. 29). As coisas a que Espinosa se refere são aquilo que ele intitula de modos, ou as modificações das substâncias, mais precisamente os seres finitos e, dentre esses, tudo o que resulta de modificação. Nessa imbricação, não há um Deus que cria as coisas sentado em seu trono, mas há agora a produção ininterruptamente estabelecida na imanência dos encontros. Os modos finitos, especificamente os seres humanos, se constituem por meio dos encontros que estabelecem e são estabelecidos no real.

Esses modos são expressos pela substância (Deus) como modos de pensar (mente) e modos de agir (corpo). Eles são produzidos pela mesma substância, apenas se expressam de maneira distinta, sendo a

única e a mesma coisa, não há uma hierarquização entre mente e corpo; logo, a razão não se sobrepõe ao corpo e muito menos comanda as vontades humanas. Em Espinosa, vemos que a consciência é um produto das modificações causadas pelos encontros estabelecidos entre os indivíduos e o mundo, e que serão produzidas a partir desses encontros imagens no cérebro. São por essas imagens que se tem consciência da relação com o mundo. A consciência é, pois, o resultado dessas modificações no corpo, a captação de uma parte ínfima do todo, de uma pequena parte da realidade. “A mente não conhece a si mesma, senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo” (ÉTICA II, PROP. 23, 2013, p. 72).

Por isso, corpo e mente são concebidos, por Espinosa, não como sendo duas coisas distintas, mas passam a ser uma única e mesma coisa determinada pelas mesmas leis da natureza, logo, tendo a mesma potência, o que define a constituição dos modos finitos. Para esse filósofo, o homem é constituído de corpo e mente, não como duas coisas distintas, que exercem funções independente da sua relação, mas concebidas como uma unidade que se relaciona univocamente. Assim, são modificações dos atributos de uma mesma substância, como em Ética II, prop.21, que diz que a

mente e o corpo “são um único e mesmo indivíduo, concebido ora sob o atributo do pensamento, ora sobre o atributo da extensão” (2013, p.71).

Nesse perspectiva, a mente em Espinosa é concebida como sendo as ideias das afecções do corpo, logo “o objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, e o corpo (pela prop.11) existente em ato” (ETICA II, PROP.13, 2013, 61). Assim, a mente é descrita como forma pensante. Na definição III da Ética II, deixa evidente o caráter ativo da mente, ela não apenas recebe uma imagem, mas age sobre ela, “Digo conceito, e não percepção, porque a palavra percepção parece indicar que a mente é passiva relativamente ao objeto, enquanto conceito parece exprimir uma ação da mente” (p.51). A mente está interligada ao corpo e pensa as afecções/modificações que o corpo sofre de maneira adequada ou confusa/inadequada, conforme se estabelecem essas afecções.

Os corpos (pela def.1) são coisas singulares, que (pelo lema1) se distinguem entre si pelo movimento e pelo repouso. Assim, (pela prop.28 da P.1), cada corpo deve ter sido necessariamente determinado ao movimento ou ao repouso por uma outra coisa singular, isto é (pela prop. 6), por um outro corpo, o qual (pela ax.1) também está ou em movimento ou em repouso. Ora, esse último, igualmente (pela mesma razão), não pode ter se movido nem permanecido em repouso a não ser

que tenha sido determinado ao movimento ou ao repouso por um outro, e este último (pela mesma razão), por sua vez, por um outro e, assim, sucessivamente, até o infinito. (ETICA II, PROP. 13, DEMONS, 2013 p.62).

Então, se a mente reconhece por meio das afecções que o corpo sofre, podemos inferir que é por meio dos encontros que se amplia a capacidade de pensar e de se movimentar; a cada encontro estabelecido, mais o corpo se afeta e produz novas imagens, logo, amplia sua consciência frente ao mundo/realidade. Com isso, é uma construção contínua no indivíduo, é um processo de vivência com encontros que produzirão novos conhecimentos ou não. Tudo dependerá da forma com que os indivíduos se relacionam/se encontram.

A constituição humana na dinâmica dos afetos

A constituição humana se configura atravessada pela constituição dos desejos que são produzidos nos seres humanos permeados pelos encontros que são estabelecidos com o mundo no real. Em Espinosa, compreendemos o desejo como construção que se constitui mediante os encontros no decorrer da vida de um indivíduo. O que se materializa no sujeito como desejo é o resultado da síntese do encontro desse sujeito com o mundo. Por isso, o que ocorre é que se deseja o que de fato deseja,

não é uma construção ensimesmada, determinada por si próprio, decorrente apenas de uma formação genética, mas sim um processo que sintetizou em desejo as modificações que os sujeitos sofrem por meio dos encontros, na relação com a historicidade de cada ser, vindo a produzir uma composição, um corpo que, compondo-se com outro e por meio desse encontro, gera um novo ser, há uma modificação. O desejo é da ordem da imanência do encontro, e não uma deliberação própria do sujeito.

O desejo é a própria essência do homem, enquanto esta é concebida como determinada, em virtude de uma dada afecção qualquer de si própria, a agir de alguma maneira. Explicação: (...) Com efeito, por afecção da essência humana, compreendemos qualquer estado dessa essência, quer seja inato ou adquirido, quer seja concebido apenas pelo atributo do pensamento ou apenas pelo da extensão, que, enfim, esteja referido, ao mesmo tempo, a ambos os atributos. Compreendo, aqui, portanto, pelo nome de desejo todos os esforços, todos os impulsos, apetites e volições do homem, que variam de acordo com o seu variável estado e que, não raramente, são a tal ponto opostos entre si que o homem é arrastado para todos os lados e não sabe para onde se dirigir (ÉTICA III, DEFINIÇÕES DOS AFETOS, 2008, p.237).

Observamos assim que os seres humanos são o esforço, a potência, a energia natural em/de seu ser, que busca ininterruptamente permanecer em seu ser. Esse

permanecer é a essência de cada indivíduo expressa no *conatus*. Logo, é a potência em produzir ideias e movimentos imanentes aos modos finitos, que são as formas de se expressar dos atributos infinitos substanciais. Portanto, ora essa potência é aumentada, ora é diminuída. Isso se dá pelas afecções no corpo, que vão ser traduzidas em afetos que decorrem dos encontros estabelecidos entre os indivíduos. Podemos concluir, pois, sobre afecção que esta é o estado de modificação de um corpo sofrendo a ação por um outro corpo no instante do encontro.

Portanto, se as afecções são as modificações sofridas no corpo, os efeitos dessas modificações são traduzidos, ou melhor, interpretados pelos afetos. Os afetos são essa interpretação que a mente faz das afecções que o corpo sofre, vindo a aumentar ou diminuir a potência de existir de cada indivíduo. Então, por afeto compreendemos as variações dessa potência de existir, a passagem de uma maior ou menor potência de agir, conforme pode ser identificado em *Ética*, III, Def. 3;

Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo as ideias dessas afecções. Explicação. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto

compreendo, então, uma ação em caso contrário, uma paixão (2008, p.237).

Com isso, podemos inferir que, quando o corpo sofre a afecção, ele passa a ser afetado tanto exteriormente (corporalmente) como internamente (potência/*conatus*). Ademais, aquilo que pelo corpo passa a ser produzido pela afecção e lhe afeta positivamente gera nesse indivíduo um afeto positivo, aumenta a sua potência de existir; o indivíduo foi, desse modo, afetado pelo afeto de alegria. Logo, aumenta-se a sua capacidade de produção dos modos finitos (ideias e movimento/afecção). Porém, aquilo que por ele passa a ser produzido pela afecção que lhe afeta negativamente gera nele próprio um afeto negativo, diminui sua potência de existir, passando a ser afetado pelo afeto de tristeza. Logo, diminui-se a sua capacidade de produção dos modos finitos (ideias e movimento/afecção).

Assim, na Prop. 11 de *Ética*, III, é dito que “Se uma coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de agir de nosso corpo, a ideia dessa coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de pensar de nossa mente” (p.106). Isso quer dizer que se afetam o corpo e a mente simultaneamente, o que caracteriza a definição tanto de alegria, que é a “passagem de uma menor potência para uma maior”,

quanto de tristeza, que é a “passagem de uma maior potência para uma menor”. Já o desejo é a consciência do apetite, é a consciência de ter o desejo. É a consciência de se ter um desejo daquilo que no corpo já lhe apetece inconscientemente. Portanto, quando se tem a consciência do porquê de querer-se algo, isso se denomina o desejo.

Somos, então, em essência, potência, esforçamos em fazer permanecer em nós a potência de agir; e essa essência, em Espinosa, é o *conatus*, configurada pelo desejo. Tudo o que existe se expressa em desejo, somos desejos. Assim, padecemos quando não encontramos outra maneira de produzir os desejos que não seja pela exterioridade, o que se deseja é imposto do exterior como necessidade no sujeito, não é uma produção própria do sujeito. Vivemos segundo nossas afecções, agimos e pensamos de acordo como somos afetados. “Pelo que foi dito, fica evidente que somos agitados pelas causas exteriores de muitas maneiras e que, como ondas do mar agitadas por ventos contrários, somos jogados de um lado para o outro, ignorantes de nossa sorte e de nosso destino” (ÉTICA III, PROP. 59, ESC. 2013, p. 139).

Quando guiados por forças exteriores, afecções, agimos e pensamos por causas inadequadas, sendo essas a incapacidade

do sujeito de ser causa em si. Os indivíduos agem conforme são afetados. Apenas reproduzem. Vivenciamos afetos, paixões. Com isso, Espinosa define a servidão humana/escavidão como sendo a impotência para regular os afetos. Já os afetos/ações são sempre na alegria, pois advêm do próprio sujeito em perceber, mediante aquilo que lhe convém/compõe um aumento de sua potência. Com os afetos/ações, o homem vivencia a liberdade, pois, ao estabelecer seus encontros com aquilo que lhe compõe, compreende a ordem e a conexão da natureza, tal qual compreende a ordem e a conexão de sua própria natureza relacionada. Com isso, consegue determinar o que compõe com seu corpo, o que lhe é bom ou útil. Sendo assim, consegue saber o que aumenta sua potência de agir no mundo, assim como a de pensar o mundo.

A todo momento, afetamos e somos afetados, e é justamente permeados por essa relação de encontros que estabelecemos no decorrer da vida a constituição de nossa humanização, ora com mais perfeição, ora com menos, tudo dependerá da forma com que nos posicionamos frente à vida, frente à existência. E, nessas relações que estabelecemos, nos encontros que travamos, não é a razão (extremada/ensimesmada) que determina a ação,

mas a conexão entre a razão e a emoção que potencializa o compreender para além das imagens produzidas no corpo, compreender para além do imediatismo dos encontros, buscando as causas que o determinam a agir/sentir ou não.

Com isso, compreende-se que a vitalidade humana não é dada como acabada no nascimento, mas vai se constituindo no percurso a se transcorrer pelas imbricações provenientes da contradição entre o eu e o social. É uma constituição sócio-histórica que se estabelece no dinamismo da interação. O agir, o pensar e o sentir de cada homem trazem consigo reflexos dessa relação sócio-histórica em que estão imersos. Não dá para falar de um sujeito sem antes falar da sociedade na qual está inserido, tal como não dá para falar de uma sociedade deslocada do todo ao qual pertence. Os homens (modos finitos) estão envoltos por um dinamismo, o qual é determinado pela causalidade imanente dos encontros.

Esses encontros são demarcados pela forma com que os indivíduos se relacionam. Logo, atravessados por três gêneros de conhecimento. Dependendo da forma com que os indivíduos enxergam e se relacionam com o mundo permeado pelos gêneros de conhecimento, determinam-se encontros que podem ser passivos ou ati-

vos. Assim, quando se relacionam ou se estabelecem encontros permeados pelo primeiro gênero de conhecimento, podemos inferir que nesse caso os indivíduos vivenciam a passividade/escravidão.

Quando a mente se limita a perceber as coisas, e não a formular conceitos, torna-se escrava dos efeitos causados no corpo pelas afecções advindas dos encontros com outros corpos. Com isso, a mente é determinada exteriormente a ter ideias dos corpos, conhecendo a natureza de seu corpo, logo, de sua mente e dos corpos que por ela foram afetados de maneira simplória, apenas pelas afecções que esses sofrem. O que limita a capacidade de produzir ideias sobre as coisas fica dependente da imagem, do efeito que leva a produzir tal imagem. Sobre essa imagem, a consciência que se produz acerca da ideia de algo advém do estado e das imagens sofridas pelos corpos exteriormente. Compreende-se isso pela teoria dos afetos como ideias confusas, ideias inadequadas, pois o indivíduo não conhece para além das imagens, e mais, não compreende a ordem real das coisas e dos encadeamentos dos corpos, limita-se a potência dos corpos e da mente ao conhecimento das afecções que desses encontros sofrem. Estão, portanto, fadados à exterioridade.

Segue-se disso que, sempre que a mente humana percebe as coisas segundo a ordem comum da natureza, ela não tem, de si própria, nem de seu corpo, nem dos corpos exteriores, um conhecimento adequado, apenas um conhecimento confuso e mutilado. Com efeito, a mente não conhece a si própria, senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo (pela prop.23). Mas não percebe o seu corpo (pela prop. 19), senão por meio dessas ideias de afecções, e é igualmente apenas por meio dessas afecções (pela prop.26) que percebe os corpos exteriores. Portanto, enquanto tem essas ideias, a mente não tem, de si própria (pela prop. 29) nem de seu corpo (pela prop. 27), nem dos corpos exteriores (pela prop. 25) um conhecimento adequado, mas apenas (pela prop. 28 e seu esc.) um conhecimento mutilado e confuso (ÉTICA II, PROP.29. COR. 2013, 75).

A mente passa a ser limitada, pois passa a conhecer a ordem real como sendo ordem comum pelas ideias universais. A mente produz as ideias apenas por aquilo que o corpo sente por meio das afecções, a potência passa a ser determinada pelos encontros exteriores, o que impossibilita o ampliar das capacidades do pensar e do movimento, pois ambos se limitam a uma única forma de se comporem no universo apenas pelas leis determinantes das afecções. Estabelecendo relação com o mundo, mediado pelo conhecimento de primeiro gênero, os indivíduos estarão fadados aos acasos dos encontros, à exterioridade. Terão, assim, apenas ideias inadequadas da

realidade, nas quais repercutirão afetos que são passivos.

Quando estabelecemos encontros permeados pelo segundo gênero de conhecimento, somos guiados pela razão, a razão afetiva, pelo conhecimentos das coisas em relação com o conhecimento de si próprio “a ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas” (ÉTICA II, PROP VII, 2013, p.55). Nesse gênero, buscamos ininterruptamente estabelecer bons encontros, encontros que possibilitam o aumentar da potência, logo, da essência, sendo esse aumento da capacidade de pensar e de se afetar e afetar aos outros. Por essa via, os indivíduos não são guiados pela exterioridade, pelos encontros, como um pequeno barco ao mar que se deixa guiar pelos ventos opostos. Buscam ampliar suas experiências, compreendendo sempre a ordem e conexão das coisas/natureza em relação com a ordem e conexão de sua própria natureza.

Quando o indivíduo compreende as propriedades internas do seu ser, tal qual compreende as propriedades das coisas externas, mediante os encontros que ele está fadado, passa então a conduzir os encontros, e não mais a ser conduzido por eles. “Por termos, finalmente, noções comuns e ideias adequadas das propriedades

das coisas. [...] A este modo me referirei como razão e conhecimento de segundo gênero” (ÉTICA II, PROP. 40, ESC 2, 2013, p. 81). Há noções comuns aos corpos (modos finitos), como compreender o que no indivíduo lhe afeta de tal maneira que lhe causa um diminuir da sua potência de existir, tal qual o que lhe afeta de tal maneira que lhe aumenta sua potência de existir.

Por essa perspectiva, o homem age internamente conduzido pela consciência que ele passa a ter de si mesmo e da realidade. Com isso, passa a compreender a ordem real da natureza e, mais ainda, compreende a ordem real de sua própria natureza. Passa então a compreender que sua essência é o esforço para perseverar em seu ser, que é a própria manifestação extrínseca dos modos finitos, da condição humana, que se expressa em corpo, sendo a perseverança adquirida ao se produzirem afecções e imagens, e que se expressam em mente o esforço em perseverar, em produzir ideia. Isso pode ser identificado na Prop. 23 da Ética V:

À medida que é determinado a agir porque tem ideia inadequadas, o homem padece (pela prop. 1 da P.3), isto é (pelas def. 1 e 2 da P.3), faz algo que não pode ser percebido exclusivamente por meio da sua própria virtude. Mas à medida que é determinado a fazer algo porque compre-

ende, então, dessa maneira (pela mesma prop. 1 da P.3), ele age, isto é, (pela def. 2 da P.3), faz algo que é percebido exclusivamente por meio da sua essência, ou seja (pela def.8), que se segue adequadamente de sua própria virtude. (2008, p. 171).

Com isso, instaura-se o terceiro gênero de conhecimento, que está para além do conhecimento, o gênero da criação. O indivíduo não só se conhece como no segundo gênero, mas agora ele passa a criar, a inovar. Isso passa a ser o pensar através do mesmo ângulo do intelecto de Deus, significando ser esse um pensamento do próprio Deus, pensar pela perspectiva de Deus. É a compreensão da essência de Deus e das essências produzidas por Deus, logo, a essência dos modos finitos de Deus. E é por isso que há criação, pois o indivíduo compreende para além das afecções da realidade.

Além desses dois gêneros de conhecimento, existe ainda um terceiro gênero, como mostrarei a seguir, que chamaremos de ciência intuitiva. Este gênero de conhecimento parte da ideia adequada da essência formal de certos atributos de Deus para chegar ao conhecimento adequado da essência das coisas (ÉTICA II, PROP. 40, ESC 2, 2013, p. 135).

Assim, essa essência singular ultrapassa os limites impostos pelas comunidades sociais em demarcar o que é identitário a elas, aquilo que descreve os indivíduos co-

mo pertencentes a tal tribo/comunidade. Pois aqui o indivíduo passa a ter uma essência singular, ser modo finito, e, logo, todos passam a ter essa singularidade, já que “nenhum de nós tem limiares de intensidade iguais aos dos outros” (DELEUZE, 1978, p. 16).

Nessa perspectiva, ao estar guiado pelo terceiro gênero de conhecimento, o indivíduo vivencia a liberdade, pois consegue articular a transformação da dinâmica dos encontros em uma dinâmica do pensamento, e esses se transformam em ação, permeada por uma consciência que ultrapassa as imagens produzidas pelas afecções, é uma ação voluntária e livre.

O que podemos inferir é que o homem, ao estar guiado pela razão afetiva, tal qual pelo intelecto divino, consegue regular seus afetos, não porque deixa de vivenciá-los, mas porque é ele-homem- o próprio produtor desses afetos. Isso ocorre porque o homem, ao se abrir para as experiências/vivências, passa a conhecer a ordem e conexão da natureza em relação com a ordem e conexão de sua própria natureza. Por isso, ele não deixa de vivenciar os encontros, mas, ao vivenciá-lo, consegue compreender o que lhe convém, para que seja estabelecido um aumento de sua po-

tência e, assim, passa a produzir no universo.

Contudo, a *Ética* em Espinosa está relacionada aos encontros provenientes das misturas dos corpos que emanam uma modificação no sujeito. Essa modificação é atravessada pelo poder de ser afetado e afetar-se, que, guiados pela conduta da razão e da ciência intuitiva, incidem em um conhecer mediante o esforço em se conservar em seu ser, com a busca do que lhe é útil. Assim sendo, tanto mais esse estará dotado de virtude quanto se relacionará, e seus encontros e misturas dos corpos potencializarão um aumento da potência de vida, tornando a vida mais pulsante, mais vital.

Assim, quem tenta regular seus afetos e apetites exclusivamente por amor à liberdade, se esforça, tanto quanto puder, por conhecer as virtudes e as suas causas, e por encher o ânimo do gáudio que nasce do verdadeiro conhecimento delas e não, absolutamente, por considerar os defeitos dos homens, nem por humilha-los, nem por se alegrar com uma falsa aparência de liberdade. Quem observa com cuidado essas coisas (na verdade, elas não são difíceis) e praticá-las poderá, em pouco tempo, dirigir a maioria de suas ações sob o comando da razão (*ÉTICA V*, prop.10, 2008, p.381).

Considerações finais: a potencialização dos corpos na escola

No âmbito educacional, percebe-se que ainda persiste nas escolas uma valori-

zação extremada quanto à aquisição cognitiva, a destreza do raciocínio lógico formal, a leitura e escrita ensimesmadas, os conhecimentos geográficos e históricos para a construção da visão fragmentada de mundo, ou seja, “a maioria delas incide no fato de treinar, desenvolver competências e habilidades, dominar e controlar por meio de estratégias estritamente cognitivas que desvelam uma fundamentação cartesiana” (MAGIOLINO, 2013, p. 181).

Conhecer passa a se limitar à aquisição de saberes prontos e acabados que são transmitidos de maneira fragmentada, o que inviabiliza a construção de sentidos naquilo que passa a ser apropriado como objeto de conhecimento. O sentido se desconfigura da ação e passa a ter uma utilidade imediata, isto é, o sujeito não se vê imbricado nessa relação sentido/ação, apenas realiza uma atividade que a ele- sujeito- passa a ser imposta.

Para tanto, as vertentes cartesianas, fundamentadas na perspectiva de Descartes, concebem como única forma de se chegar ao conhecimento se por intermédio da razão ensimesmada (razão pura). Para isso, isolam tudo quanto for referente às emoções, acreditando que essas apenas distrairiam ou mesmo impediriam um pleno processo de cognição.

Durante séculos, o pensamento dominante, além de assumir o dualismo, elegeu a razão como a dimensão superior, que melhor caracteriza o homem, chegando a situar a emoção como o lado sombrio e nebuloso da natureza humana, responsável por grande parte de suas mazelas: assim, seria função da razão o controle/domínio sobre a emoção, ou seja, só assim o homem não correria o risco de perder a razão (LEITE, 2006, p. 357).

A racionalização cognitiva ensimesmada, a nosso ver, não passa de um equívoco, pois a mente pensa as afecções do corpo, as modificações que o corpo sofre frente aos encontros que são estabelecidos.

Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita, etc. não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações. As experiências vividas em sala de aula ocorrem, inicialmente, entre os indivíduos envolvidos, no plano externo (interpessoal). Através da mediação, elas vão se internalizando (intrapessoal), ganham autonomia e passam a fazer parte da história individual. Essas experiências também são afetivas. Os indivíduos internalizam as experiências afetivas com relação a um objeto específico (TASSONI, 2000, p. 3).

As necessidades dos sujeitos não são estáticas, e sim dinâmicas, modificam-se conforme são estabelecidos os encontros, as (inter)relações. Essas, por sua vez, são passíveis de modificações, são resultados

das interações do sujeito com o mundo. O professor, ao compreender as ações dos alunos por suas necessidades, e não como uma vontade própria do seu ser, mas sendo essa constituída em seu ambiente de interação, pode levar o aluno a compreender por que sente o que sente, e o que o levou a sentir o que sente.

O *querer* ou o *desejar* vêm em consequência do conhecimento do objeto, portanto *esse desejo não é livre* (ESPINOSA, 2004; LEONTIEV, 1978b), mas dependente das mediações e de como esse objeto surge – ou não – na vida da criança, e de quais valores são atribuídos a ele pelos seus pares e por ela mesma (GOMES, 2008, p. 147. Grifo no original).

Assim, para Gomes e Mello (2010), os afetos constituem-se no seu processo histórico e social, perpassados pelas relações, sendo eles causa de efeitos mediante os objetos, acontecimentos e as relações do cotidiano, mobilizando o esforço de cada indivíduo diante dos objetos sociais, o que origina a ação e atividade, levando a compreender a motivação humana decorrente da atividade realizada pelo “sujeito num processo histórico, que se integra nos diferentes momentos da sua atividade e é extremamente variável, rompendo com a visão constante e homogênea da motivação (p.690). O que nos leva a compreender os argumentos de alunos quando dizem *não*

gostar de estudar, não compreenderem a finalidade do que se estuda. Percebe-se, assim, que nesses anunciados não há uma estruturação da afetação entre o sujeito que aprende e o conhecimento apreendido.

Não se trata de afirmar que os alunos aprendem ou não, são persistentes ou não porque são “dotados” ou não de “força de vontade”, mas compreender que a escola se constitui numa possibilidade de intervir sobre a construção das ideias e desejos das crianças, dando a elas condições para compreenderem sua vontade e, assim, exercitarem o domínio consciente sobre a mesma (GOMES, 2008, p. 152. Grifo no original).

Nesse viés, busca-se desfazer o olhar que sustenta a concepção de que as experiências afetivas acontecem fora da escola, superando ações que evidenciam o cognitivo como única preocupação da atuação escolar, na qual passe a enfatizar por práticas que considere “como essenciais do processo educativo as funções psíquicas que conformam a personalidade humana” (GOMES E MELLO, 2010, p. 690).

Essa compreensão de que não basta ter as capacidades específicas cerebrais para o máximo desenvolvimento da consciência ainda é ignorado no ambiente escolar. Há a equívoca compreensão de que, para haver a apropriação do conhecimento, devam ser desenvolvidas apenas ações cognitivas. Retiram-se da ação ensi-

no/aprendizagem os desejos e vontades, desconhece-se ou mesmo se desconsidera que a aprendizagem se configura em desejo e que esse desejo é um produto dos encontros que são estabelecidos com o mundo, e quando a aprendizagem, na perspectiva do desenvolvimento, não acontece, é porque não houve um desejo que a efetive em ação.

Espinosa faz um adendo a esse respeito, sobre os homens ilusoriamente atribuírem uma preponderância à razão pura, ao acreditarem que, pelo simples fato de dizerem conhecer pela razão o verdadeiro, enquanto verdadeiro, será o suficiente para agirem como tal. Dito de outra forma, saber o que é certo para si passa a ser condição *sine qua non* para a realização desse feito. Porém, na maioria das vezes, ocorre o inverso: sabemos o que é certo e, mesmo assim, fazemos o que não nos convém. Por que agimos assim? Ora, porque somos desejo e emoção, porque somos vida desejante em vida, e não uma razão pura, desconexa do todo, da realidade. Desejamos aquilo que em nós são afecções que se expressam em emoções, motivadas pelas interações sociais. Somos também causadores dessas afecções que geraram emoções, é por isso que a razão pura não consegue dominar os nossos desejos/volições, a não

ser que a razão passe a ser correlata de afeto;

As coisas não mudam porque pensamos nelas, numa relação direta, como se pensamento comandasse as funções psicológicas superiores, e as coisas fossem da ordem das ideias apenas. Elas mudam quando os afetos ligados a elas mudam ou quando se tornam conscientes. Os afetos envolvem a afecção de meu corpo por objetos, pessoas ou por imagens, o que permite mudanças no sistema. Por isso, o fato de pensar coisas fora de mim não altera a realidade, pois não altera minha emoção, ao passo que pensar nos próprios afetos, (e, ao pensar os afetos, deixamos de senti-los, como afirma Vygotsky) estou situando-os em um outro lugar, em outras relações com meu intelecto e outras instâncias, altera-se muito minha vida psíquica. (SAWAIA, 2000, p. 22).

As escolas necessitam ampliar, em seus espaços, as possibilidades de afecções vivenciadas pelos alunos, compreendendo que o corpo é a via que possibilita o reconhecimento do encontro do sujeito com o mundo. As formas de expressão do corpo são os sentidos (olfato, paladar, visão, tato, audição), essas são as vias pelas quais o corpo é afetado. “Uma simples alegria, que se caracteriza como a passagem de uma menor a uma maior perfeição, é afecção corporal e ideia dessa afecção” (SÉVÉRAC, 2009, p. 25).

Quando um sujeito aprende, ou mesmo passa a se interessar por aquilo que aprende, ocorreu um encontro entre o alu-

no e o conhecimento, mediado pelo professor. Essa mediação possibilitou uma transformação no sujeito, ocorreu uma modificação. Quando não há um interesse, a mediação não possibilitou uma modificação, logo, o sujeito não foi afetado, o que necessita serem feitas novas intervenções.

Conhecer está para além das finalidades imediatas, é uma ação que amplia as capacidades psíquicas dos sujeitos, modifica a capacidade de agir no mundo, tal qual sua capacidade de pensar o mundo e as relações sociais, vindo a compreender o real, o porquê de as coisas serem como são. Para Mello (1999), os motivos que impulsionam a realização de uma atividade são histórico-sociais e, assim, construções geradas no decorrer da vida de cada indivíduo; por isso, não devem ser percebidos como algo estático e natural, ausente de modificações. Nisso incide o papel da educação em criar situações que gerem novas necessidades, por meio de experiências diversificadas e significativas, geradoras de sentidos na ação.

A escola tem uma importante função em mediar as relações dos sujeitos com o conhecimento de modo intencional, possibilitando que esse conhecer seja causa de transformação nos sujeitos. Com isso, cabe a ela ampliar as capacidades de pensar e

de se movimentar das crianças, e que, portanto, também possa contribuir para o aprimoramento, tal qual o conhecimento dos desejos e necessidades que cada indivíduo traz consigo. Permitindo, com isso, ou melhor, mediando (no sentido de provocar transformação) uma ação que os leve a compreender aquilo que neles se materializa como necessidade.

Educação não é absorção de saber, pelo contrário, conhecer é um processo conflitante que acarreta no indivíduo um confronto entre os saberes espontâneos e os saberes sistematizados, que pressupõe que nesse ato ocorra uma transformação e que se gere uma nova ação, bem como seja o sujeito também transformado.

Compreende-se, assim, que todas as ações realizadas no interior das escolas não podem ser pensadas e efetivadas de maneira dissociada das relações concretas, nas quais os indivíduos vivenciam em suas tra-

jetórias e percurso; por meio dessas relações, são constituídos sentidos e repensados significados que motivam a ação de cada sujeito na apropriação dos conhecimentos e aprendizagem escolares.

Portanto, não nos restam dúvidas de que nos constituímos no processo de humanização conforme nos permitimos ser afetados e afetar em todo trajeto e percurso transcorrido pelo ser humano nos seus encontros e desencontros. Porém, frisando sempre que são esses encontros e desencontros guiados por um conhecer das causas que determinam e direcionam suas conjunturas. Neste sentido, nas palavras de Espinosa: “Logo, não há nada que saibamos, com certeza, ser bom, exceto aquilo que nos leva efetivamente a compreender e, inversamente, não há nada que saibamos, com certeza, ser mau, exceto aquilo que possa impedir que compreendamos” (ÉTICA, IV, Prop 32).

Referências

BARROS FILHO, Clovis de. **A vida que vale a pena ser vivida**. Clovis de Barros Filho, Arthur Meucci. 12.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHAUI, Marilena. **Espinosa: poder e liberdade**. En publicacion: Filosofia política moderna. De Hobbes a Marx Boron, Atilio A. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales; DCP-FFLCH, Departamento de Ciencias Políticas, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, Universidade de Sao Paulo. 2006.

DELEUZE, Gilles. **Aula sobre Espinosa**. Acesso em 24/1/1978. Disponível em <<http://www.webdeleuze.com>>.

- ESPINOSA, Bento de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- GOMES, Claudia Aparecida Valderramas. **O afetivo para a psicologia histórico-cultural: considerações sobre o papel da educação escolar**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.
- GOMES, Claudia Aparecida Valderramas.; MELLO, Suely Amaral. **Educação escolar e constituição do afetivo: algumas considerações a partir da Psicologia Histórico-Cultural**. *Perspectiva (UFSC)*, v. 28, p. 677-694, 2010.
- LEITE, Sergio Antônio da Silva. **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. P.15-95.
- MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. **Afetividade e/na educação: sentir e expressar na experiência (est) ética-contribuições da filosofia espinosana**. *Filosofia e Educação*, v. 5, n. 1, 2013. p. 156-183.
- MELLO, Suely Amaral. **Algumas implicações pedagógicas da Escola de Vygotsky para a educação infantil**. In: *Revista Pro-Posições*, v. 10. N. 1, UNICAMP, 1999.
- SAWAIA, Bader Burihan. **A emoção como lócus de produção do conhecimento: Uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa**. In: III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural: Cultura A Dimensão Psicológica e a Mudança Histórica e Cultural. 2000.
- SÉVÉRAC, Pascal. **Conhecimento e afetividade em Spinoza**. Trad. Homero Santiago. In: MARTINS, A (Orgs.). *O mais potente dos afetos*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 17- 36.
- SPINOZA, Baruch de. **Ética**; tradução de Tomaz Tadeu. – 2.ed., 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013.
- TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem: A relação professor e aluno**. Anuário 2000. GT Psicologia da educação, Anped, setembro, 2000.

Recebido em: 21/07/2016
Aprovado em: 30/10/2016